

**O Brasil ainda
é um país
católico?**

A presença constante dos rituais religiosos desde os primórdios da humanidade merece realmente ser estudada. E essa recorrência tão grande, em lugares e culturas tão diferentes e distantes, tanto no espaço quanto no tempo, sempre interessou aos que quiseram e querem aprofundar seu conhecimento sobre as sociedades. Você já viu que para Max Weber, por exemplo, conhecer as religiões era uma forma de compreender as sociedades. Para entender como os indivíduos e os grupos orientam suas ações, ou definem suas condutas e se comportam uns em relação aos outros, dizia ele, é importante saber que crença religiosa eles professam. Assim como as pessoas agem de forma muito diversificada, também as orientações religiosas são distintas. Não importava, para Weber, se uma religião tinha mais adeptos que outra; nem ele próprio dizia qual, dentre as muitas religiões que estudou, era sua escolhida. Como sociólogo, o que ele pretendia era entender as razões que levavam pessoas e grupos a aderir a um conjunto de crenças. Interessa-vos saber como as pessoas justificavam suas escolhas e, também, o que tais escolhas produziam em seus comportamentos.



Muitos outros pensadores, antropólogos e sociólogos também deram bastante atenção às crenças religiosas que se espalham pelas sociedades. A própria palavra "religião" pode nos ajudar a entender por que, desde sua origem, a sociologia se interessou por esse assunto. Religião tem a mesma origem de religar, que significa ligar de novo, ou ligar fortemente. Ligar quem a quem ou a quê? Uma pessoa religiosa responderia que a religião que professa a liga a um deus, a uma fé, a uma doutrina - que, por sua vez, unem muitas pessoas em torno de si. E é isso que interessa à sociologia: como conjuntos imensos de pessoas tão diferentes se ligam a uma só ideia. Não importa o deus, não importa a doutrina ou o objeto sagrado, a religião é um fenômeno que até hoje está presente em todas as sociedades. Na nossa também



Religiões ao redor do mundo

Você sabe quais são e onde se praticam as religiões com mais adeptos ao redor do mundo?

Cristianismo: tem mais de 2,1 bilhões fiéis, ou cerca de 33% da população mundial. O Brasil é o país com maior número de católicos no mundo, seguido pelo México, Estados Unidos, Filipinas e Itália.

Islamismo: tem cerca de 1,3 bilhão seguidores, ou 20% da população mundial. Apenas 18% dos islâmicos vivem no mundo árabe, e a maior comunidade islâmica nacional encontra-se na Indonésia.

Hinduísmo: tem aproximadamente 850 milhões fiéis, ou 13% da população mundial. É praticado predominantemente na Índia.

Budismo: tem mais de 300 milhões praticantes, ou 5,8% da população mundial. A maior concentração de budistas (um terço do total) encontra-se na China.



Em que acreditam os brasileiros?



Vitor Meireles, A primeira missa no Brasil, óleo sobre tela 268 cm x 356 cm, 1860. O quadro representa missa realizada por Frei Henrique de Coimbra, em Porto Seguro, Bahia, em 26 de abril de 1500.

Religiões do Brasil de 1940 a 2000,

Religião	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Católicos	95,2	93,7	93,1	91,1	89,2	83,3	73,8
Evangélicos	2,6	3,4	4,0	5,8	6,6	9,0	15,4
Outras religiões	1,9	2,4	2,4	2,3	2,5	2,9	3,5
Sem religião	0,2	0,5	0,5	0,8	1,6	4,8	7,3
Total (*)	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

(*) Não inclui religião não declarada e não determinada.

Fonte: IBGE, Censos demográficos.

Mas, como você pode ver, os dados mais recentes trazem novidades. Vamos examiná-los mais de perto.

Religião	1980	1991	2000
Católicos	89,2	83,3	73,7
Evangélicos	6,6	9,0	15,4
Espíritas	0,7	1,1	1,4
Afro-brasileiros	0,6 (0,57)	0,4 (0,44)	0,3 (0,34)
Outras religiões	1,3	1,4	1,8
Sem religião	1,6	4,8	7,3
Total (*)	100,0%	100,0%	100,0%

Um sociólogo especialista em religião, Antonio Flávio Pierucci, ao analisar os dados do Censo 2000, do IBGE, apontou o declínio de três religiões - o catolicismo, a umbanda e o luteranismo. Este último, uma das denominações evangélicas, desembarcou no Brasil com os imigrantes alemães, no final do século XIX, e teve muitos adeptos no país. A umbanda incorporou elementos de vários cultos dos africanos que para cá vieram na condição de escravos e os adaptou de forma original.

Como as pesquisas demonstram, houve recentemente uma alteração na composição religiosa da população brasileira. Ainda que a religião católica continue sendo a primeira, outras crenças vêm ganhando espaço. Essa tendência coloca o Brasil ao lado de outras sociedades em que o predomínio de uma religião vai cedendo lugar à diversificação das práticas religiosas. Como também mostram os quadros acima, de 1960 a 1991 houve um crescimento de mais de 100% do contingente de evangélicos. De 1991 a 2000 esse crescimento prosseguiu, chegando a mais de 70%. Logo, não é correto dizer que a religiosidade do povo brasileiro está diminuindo: ela vem se manifestando de forma diferente, e isso nos informa sobre a dinâmica da própria sociedade.



Em setembro de 2008, o jornal O Globo publicou uma matéria intitulada "Questão de fé" que confirmava a religiosidade de jovens entre 18 e 29 anos. Segundo a reportagem, pesquisadores da fundação alemã Bertelsmann Stiftung entrevistaram 21 mil jovens em 21 países, com o objetivo de saber se era possível falar de religiosidade entre os jovens no mundo contemporâneo. Pois saiba que os brasileiros apareceram como os terceiros mais religiosos, ficando atrás apenas da Nigéria e da Guatemala e "empatando" com a Indonésia e o Marrocos. A pesquisa revelou ainda dados mais detalhados sobre nosso país: 95% dos jovens brasileiros entrevistados declararam-se religiosos, e 65%, muito religiosos. São números altos, se comparados com os de outros países como a Rússia e a Áustria, onde apenas 3% e 5% dos jovens, respectivamente, declararam praticar uma religião. O que os pesquisadores também consideraram importante foi o fato de que as declarações dos jovens eram semelhantes às da população acima de 60 anos. Os jovens não se distanciavam das populações mais velhas quando se perguntava se acreditavam em Deus, professavam alguma religião, rezavam em alguma ocasião e com que frequência.

Também no Brasil há muitos pesquisadores que se dedicam a estudar a religiosidade. Uma pesquisa realizada pela antropóloga Regina Novaes e pelo sociólogo Alexandre Brasil Fonseca nos revela que a religião tem forte poder de agregação entre os jovens. Os números são interessantes: enquanto 27,3% dos entrevistados são filiados a organizações sociais como clubes, 81,1% integram grupos religiosos.

Se falar de religiosidade não significa falar de uma mesma religião, também no interior das religiões há diferenciações importantes. E a sociologia se ocupa igualmente dessas distinções. O termo evangélico, por exemplo, se aplica a distintas confissões religiosas cristãs não católicas.



Conclusão

Por que imaginamos o Brasil como um país católico? Pela quantidade de feriados dedicados aos santos e padroeiros? Pela quantidade de igrejas e capelas católicas que vemos no trajeto de casa até a escola? Por causa da quantidade de pessoas que se dizem leais ao papa? Tudo isso é verdade, mas a construção dessa realidade social não se deu de uma hora para outra. Ela tem raízes profundas na história do Brasil, desde a chegada dos primeiros portugueses à Terra de Santa Cruz.

Após a quebra dos laços coloniais com os portugueses, a religião católica firmou-se como a principal crença na nova nação, sendo apontada como religião oficial do país na primeira Constituição brasileira (1824).

Os brasileiros ampliaram seu leque de escolhas religiosas a ponto de a mais recente Constituição (1988) não mais estabelecer uma religião oficial. Isso indica que os brasileiros estão mais afinados com o individualismo moderno, ou seja, seguem no campo religioso uma lógica de escolha, e não de manutenção de uma tradição. Em outras palavras, o campo religioso brasileiro reflete aquilo que os sociólogos chamam de modernização da sociedade.



Conclusão

Mas assumindo uma outra perspectiva, vemos com os dados do Censo 2000, do IBGE, que o Brasil é um país predominantemente cristão - é só somar os percentuais dos católicos com o dos evangélicos que chegaremos a 90% da população praticantes de alguma modalidade de cristianismo. As migrações religiosas acontecem, mas majoritariamente dentro da mesma matriz. Houve o crescimento do número de pessoas que se identificam como "sem religião" (7%), e o conjunto de praticantes de outras religiões (aquelas que não são cristãs) representa 3% da população brasileira.

Concluimos que o fenômeno religioso brasileiro admite múltiplas interpretações. As perspectivas adotadas pelos pesquisadores revelam facetas diferentes da mesma realidade social.



Qual é a sua tribo?



Tribos urbanas: encontros entre o arcaico e o tecnológico.

- Os escritos de Simmel têm inspirado até hoje muitos autores a pensar sobre vários temas relativos ao modo de vida urbano - afinal, como dizem nossas avós, "os tempos são outros" e os "modos não são os mesmos" nas grandes cidades. Instituições tradicionais, como a Igreja, a família e o Estado, disputam com a indústria do consumo e com a mídia a produção de referenciais de identificação. Esse contexto de fragmentação e multiplicação de referenciais morais, políticos, religiosos e estéticos tem levado alguns antropólogos e sociólogos interessados em compreender a realidade das sociedades ocidentais a trabalhar com a noção de "tribos urbanas".

- Um dos mais renomados cientistas sociais que olharam de perto o fenômeno das tribos urbanas é o diretor do Centro de Estudos do Atual e do Cotidiano da Universidade de Paris V, Michel Maffesoli, autor, entre outros, de um livro chamado O tempo das tribos (1987). Para ele, o "neotribalismo" constitui o paradigma mais adequado para interpretar a sociedade contemporânea, que se caracteriza pela combinação entre práticas arcaicas e desenvolvimento científico, entre princípios "tribais" e novas tecnologias. O sucesso de histórias como O Senhor dos Anéis e Harry Potter, em que o místico e os "efeitos especiais", o mágico e o tecnológico se encontram, seriam, segundo Maffesoli, sinais sociológicos de que os sujeitos urbanos estão buscando um "reencantamento" para suas vidas.

Identidade ou identificação?

É interessante notar que, para Michel Maffesoli, o Brasil é um dos países em que melhor se pode observar as dinâmicas do neotribalismo, porque entre nós o tradicional e o tecnológico se combinam o tempo todo. De fato, no cenário das grandes cidades brasileiras, a todo momento surgem novas "tribos" (wiccas, emos, patricinhas, pitboys), enquanto outras praticamente desaparecem (darks, grunges) e outras, ainda, sobrevivem há bastante tempo (metaleiros, punks, surfistas). Em sua maioria, essas "tribos" - ou "comunidades estéticas", para usarmos a expressão de outro sociólogo famoso chamado Zigmunt Bauman - se distinguem umas das outras sobretudo por quesitos visuais e padrões de consumo, que se tornam elementos próprios de sua identidade. Mas se antes a noção de identidade, de um grupo ou de um indivíduo, remetia à ideia de unidade, estabilidade e coerência, hoje não é necessariamente assim. Alguém que durante a pré-adolescência se identificava como funkeiro aos 14 anos pode se "converter" em emo, e aos 16 passar a se apresentar como ex-funkeiro-ainda-emo-e-também-vegetariano!

É por isso que Michel Maffesoli propõe a substituição da noção de identidade pela de identificação. Qual é a diferença entre essas duas noções tão parecidas? Enquanto identidade se refere a um modo de ser estável e coerente, identificação diz respeito a "máscaras variáveis", até mesmo descartáveis, a relações "informais" e "afetivas" entre os sujeitos. Se, no início do século XX, as meninas praticamente já nasciam com uma identidade preestabelecida - deveriam se casar na igreja, ter filhos e cuidar da casa - , uma jovem do novo milênio tem um leque muito maior de possibilidades de identificação à sua frente, tanto em termos de vida afetiva, sexual e familiar quanto de vida profissional.

"Eu sou o punk da periferia".

É importante observar que, nas ciências sociais, as novas "tribos" são analisadas em sua relação com o contexto mais amplo no qual estão inseridas. A pesquisa de campo feita pela antropóloga Janice Caiafa no Rio de Janeiro na década de 1980, publicada sob o título Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub, é um bom exemplo desse tipo de análise. A autora oferece um mapa da experiência punk a partir de sua música, estética e comportamento, bem como de sua interação com o restante da cidade: "os punks são jovens entre 15 e 22 anos que se deslocam em bando, e não é difícil perceber que estão juntos e algo os une". Apesar da aparência por vezes agressiva e da transgressão de certas normas próprias da adolescência, na maior parte do tempo, diz ela, os punks seguem pelas ruas "num atrevimento tranquilo e sem revide".

A antropóloga critica o que chama de "definição negativa do acontecimento punk" e afirma que não faz sentido vê-lo como "o resultado de um fracasso das instituições em assimilarem a juventude". Em sua opinião, é preciso que os punks e outras "tribos" sejam compreendidos como manifestações próprias dos novos arranjos sociais, que permitem que se estabeleçam parcerias não mais baseadas nos pertencimentos familiares ou partidários, mas nos gostos e nas atitudes.

Em sua pesquisa, Janice Caiafa observou que entre os punks, ou entre estes e os "outros" habitantes da cidade, a troca de olhares era sempre rápida, assim como eram efêmeras as relações estabelecidas. Como no caso de várias outras "tribos", seus participantes não faziam projetos para o futuro do grupo nem revelavam preocupações com seu destino. Segundo a autora, era o próprio consumo de adereços e produtos musicais que animava a existência dos punks enquanto "tribo" ou "movimento".

Conclusão

A sociabilidade urbana, marcada pelo anonimato, permite às pessoas se reinventar, se recriar, se reorganizar e se socializar da forma que escolherem. Bem comportadas ou rebeldes, as tribos ostentam padrões estéticos que se opõem às tendências mais amplas da sociedade. Isso transforma os indivíduos identificados com cada uma delas em consumidores de produtos que os singularizam como membros de uma comunidade particular. Existe, portanto, uma intenção de distinção que parte dos adeptos das tribos. Por outro lado, aqueles que não se identificam ou não aceitam os padrões propostos por uma tribo urbana podem rotular, estigmatizar e até alimentar uma dinâmica de discriminação e preconceito contra os seus integrantes.